

8

UM PLANO E SEUS COMPONENTES



*O senhor mire, veja... o mais
importante e bonito do mundo é
isto:
que as pessoas não estão
sempre iguais, ainda não foram
terminadas,
mas que elas vão sempre
mudando.
Afinam ou desafinam.
Verdade maior.*

Guimarães Rosa



Componentes de um plano.

Se para nós o **planejamento** na escola é um processo voltado para a organização de ações que permitam a consecução de objetivos educacionais, o **plano** é um documento escrito que materializa um determinado momento de um planejamento. É a apresentação, de forma organizada, de um conjunto de decisões.

Um plano, para que se constitua em instrumento eficiente de ação, precisa ser muito bem pensado e, melhor ainda, muito bem redigido. Isso significa a apresentação de diretrizes claras, práticas e objetivas.

Como documento escrito, um plano compõe-se das seguintes partes: identificação, objetivos, conteúdos, estratégias, avaliação, cronograma e bibliografia.

Daqui para frente vamos estudar todas essas partes: no que consistem, como planejá-las e como redigi-las.

Nosso leitor perceberá uma mudança na forma de abordagem dos assuntos. Nos capítulos anteriores, a ênfase foi no debate, na discussão de idéias e propostas, na apresentação de diferentes perspectivas, na busca de uma linha crítica e pluralista dos temas.

Agora, o pano de fundo se altera um pouco. Não vamos nos aprofundar muito nos objetivos, na relevância de sua definição, nas diversas nomenclaturas ou na validade dos objetivos educacionais frente aos operacionais.

Quanto à metodologia, não vamos analisar as diferenças apresentadas pelos autores em relação a métodos, técnicas, recursos, estratégias, etc. O mesmo se diga sobre a avaliação: não discutiremos as várias críticas e propostas a respeito do processo avaliativo, bem como os diferentes enfoques (humanista, positivista, fenomenológico, dialético, cognitivista, construtivista, etc.).

Um roteiro simples, direto e prático.

Apresentaremos, sim, um roteiro para a construção, elaboração e execução de um plano que seja um **instrumento de ação** para o professor e para o aluno, e coerente com a proposta de educação que defendemos até aqui.

Muito se tem escrito sobre os componentes de um plano. As indicações bibliográficas são numerosas. Na parte final deste livro fazemos indicações temáticas principalmente para o leitor que desejar se aprofundar num determinado assunto.

Os componentes aparecem em todos os planos, desde o mais abrangente, que é o da escola, até o plano de uma aula, passando pelos de grau, série e disciplinas. Entretanto, o nível de abrangência do plano indica a amplitude maior (ou menor) com que eles serão tratados.

Enquanto documento escrito, um plano serve como elemento de comunicação entre o professor e os alunos, entre um professor e os demais professores, entre o professor e a direção, etc.

Como dissemos no início, nosso objetivo é ensiná-lo, de uma maneira prática, a elaborar e redigir um plano de ensino. De que forma?

Cada aluno escolhe livremente uma disciplina ou curso que gostaria de lecionar. Gradativamente, após a apresentação das características gerais de cada parte do plano, o aluno vai elaborando o seu próprio plano de ensino.

Uma vez escrito, este plano poderá receber um *feedback* ou avaliação do professor e dos colegas, de tal forma que faça imediatamente os ajustes ou correções, se for o caso. No final do capítulo, existem dois roteiros que podem subsidiar esses ajustes ou correções.

Assim procedendo, ao chegarmos à última parte (bibliografia) teremos o plano de uma disciplina elaborado e redigido corretamente. Quer dizer, em condições de nos instrumentar para uma ação educativa coerente com nossas idéias.

Vejamos, pois, mais detalhadamente, as diferentes etapas de um plano de ensino.

Como a própria palavra está dizendo, vamos identificar um plano, isto é, apontar suas características, discriminar a que disciplina ou atividade se refere, quais as condições básicas em que será realizado, para quantas turmas, quem é o professor responsável, carga horária, etc.

Identificação

Começando, então, experimente elaborar e redigir a identificação de seu plano. Para tanto, você poderá basear-se no exemplo a seguir.

Escola: E.E.P.G. Antonio Luís da Silva Leite
 Série: 6ª Grau: Ensino Fundamental
 Ano: 1994 Semestre: 1º
 Turno: Matutino
 Disciplina: Ciências
 Professor responsável: Luísa Helena de C. Moura
 Nº de alunos: 29 Nº de turmas: 01
 Carga horária semestral: 60 h/aula
 Carga horária semanal: 3 h/aula, sendo 1 h/dia

Objetivos

Objetivos são metas estabelecidas ou resultados previamente determinados. Indicam aquilo que um aluno deverá ser capaz de fazer como conseqüência de seu desempenho em atividades de uma determinada escola, série, disciplina ou mesmo de uma aula, sem levar em conta a filosofia de Educação ou a teoria de aprendizagem que sigamos.

Ao definir objetivos, em geral coloca-se ênfase em modificações de comportamento do aluno quanto a conhecimentos, habilidades e atitudes que, antes de cursar a referida disciplina, ele não era capaz de realizar, ou pelo menos de realizar tão eficazmente.

Os objetivos traduzem resultados esperados.

O estabelecimento de objetivos orienta o professor para selecionar o conteúdo, escolher as estratégias de ensino e elaborar o processo de avaliação. Orienta também o aluno, que fica sabendo o que se espera dele nesse curso, disciplina, série ou aula.

Grande parte dos planos de ensino é inútil, não porque lhes falte a indicação de objetivos, mas pela presença de objetivos descritos de forma tão ampla e genérica, com propósitos tão abrangentes que não conseguem orientar a confecção das partes subseqüentes do plano e, muito menos, as ações do professor e dos alunos em aula.

Nesse sentido, é importante observar a existência de dois tipos de objetivo:

a) Objetivos Gerais

Existem diversos tipos de objetivos que abrangem áreas distintas do processo de aprendizagem.

São aqueles mais amplos e mais complexos, que poderão ser alcançados, por exemplo, ao final do Ensino Fundamental ou Ensino Médio, ao final de uma série, incluindo o crescimento esperado nas diversas áreas de aprendizagem.

b) Objetivos Específicos

Referem-se a aspectos mais simples, mais concretos, alcançáveis em menor tempo, como, por exemplo, aqueles que surgem ao final de uma aula ou de uma unidade de trabalho e, em geral, explicitam desempenhos observáveis.

Ao mesmo tempo, num plano também devem ser consideradas três categorias de objetivos:

a) Objetivos de Conhecimento

São os conhecimentos que o aluno vai adquirir (informações, fatos, conceitos, princípios e suas aplicações, teorias, interpretações, análises, estudos, hipóteses, pesquisas, etc.).

b) Objetivos de Habilidades

Referem-se a tudo aquilo que o aluno vai aprender a fazer desenvolvendo suas capacidades intelectuais, afetivas, psicomotoras, sociais e políticas. Por exemplo, pensar, relacionar informações, inferir, abstrair, identificar características, transferir informações, avaliar, comparar fatos e teorias, descobrir, experimentar, criar, organizar trabalhos, coordenar seus movimentos, trabalhar em equipe, fundamentar suas opiniões, questionar, ser participante, etc.

c) Objetivos de Atitudes

São aqueles que visam a comportamentos que indiquem valoração, importância e crença. Por exemplo, valorizar a busca de informações, a curiosidade científica, a convivência com os colegas, a criatividade, a integração de conhecimentos, o trabalho em equipe, a comunicação, a co-responsabilidade pela aprendizagem, a capacidade crítica, etc.

Como observa **Juracy C. Marques**, “conhecimentos, habilidades e atitudes são trabalhadas nas situações de aprendizagem ao mesmo tempo e estão sempre presentes, ainda que os co-participantes do processo de ensino-aprendizagem não tenham muitas vezes uma clara consciência de como estas dimensões se comportam para configurar as aprendizagens resultantes”¹.

É fundamental que estes objetivos sejam tratados separadamente no planejamento e sejam registrados em um plano como garantia de que não vão identificar-se com boas intenções mas com condições reais de modo a serem exercitados e aprendidos.

Para que os objetivos de um plano possam ser estabelecidos de modo eficiente, eles devem apresentar as seguintes características:

a) Realismo

Os objetivos devem representar verdadeiramente as necessidades, carências e expectativas do aprendiz, bem como da comunidade em seu processo histórico.

¹ Juracy C. MARQUES, *Paradigma para análise do ensino*, p. 51.

**Algumas
Características
dos Objetivos**

Realismo, viabilidade, especificidade e perspectiva com relação ao futuro: características desejáveis em um objetivo.

b) Viabilidade

Os objetivos devem ser concretos e possíveis de serem atingidos dentro do tempo de que se dispõe e dos limites existentes.

c) Especificidade

Os objetivos devem definir claramente os comportamentos, ações ou atividades que se esperam do aprendiz.

d) Perspectiva com Relação ao Futuro

Todos os educadores atualmente são unânimes em assinalar algumas características de uma educação para o futuro: criatividade; integração de conhecimentos (superando a atual fragmentação); imaginação; o aluno como sujeito da aprendizagem; o professor como orientador e facilitador das atividades do aluno; o aluno aprendendo, fazendo, sendo ativo; a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade; informática; pesquisa e conhecimento via computador e telecomunicação entre escolas.

Incluir entre nossos objetivos algumas das características indicadas é garantia de uma educação que olha para o próximo milênio.

Definição de Objetivos e Interdisciplinaridade

O aluno deve ser o sujeito da aprendizagem e ao professor cabe o papel de orientador/facilitador.

No esquema tradicional, ainda presente no Ensino Fundamental e médio, cada professor é responsável por conteúdos e atividades que são passados de modo isolado e fragmentado, como se o aluno fosse um armário cheio de gavetas justapostas.

Mesmo quando esse professor é responsável por mais de uma disciplina, como nas primeiras séries do Ensino Fundamental, nem sempre ocorre a integração entre as diversas áreas, disciplinas, temas e atividades. Tudo se passa como se a apropriação do conhecimento ocorresse de forma fragmentada em disciplinas estanques e fechadas. O mesmo se diga do sistema de avaliação.

Mas isso tende a mudar. Existem escolas onde o trabalho integrado e a preocupação com a totalidade do aluno são situações experimentadas todo dia. Isso significa que o conhecimento é construído e reconstruído, utilizando-se de recursos criativos e dinâmicos. À medida que o aluno é colocado como sujeito da aprendizagem, a ênfase é no sentido de que aprenda a aprender. E o professor se coloca como orientador/facilitador das atividades, articulando conteúdos, disciplinas, áreas, etc.

Vamos agora analisar algumas formas históricas desse trabalho de integração interdisciplinar: estudo do meio, estudo de temas comuns a várias disciplinas e integração por objetivos.

1. Estudo do Meio

É uma atividade realizada fora da sala de aula, colocando o aluno em contato e confronto com uma realidade específica. Dela participam alunos e professores de diversas disciplinas.

O grupo se propõe a estudar um "meio", isto é, uma realidade qualquer, por exemplo, uma cidade, um bairro, indústrias, uma região agrícola, um conjunto habitacional, uma favela, etc.

Definido o meio, procura-se, num primeiro momento, levantar o maior número possível de informações sobre ele: fazem-se pesquisas, leituras e estudo de documentos ou de material escrito, fotografado, filmado, etc. Os professores das diversas disciplinas buscam material e informações sobre o assunto. Enfim, todo esse material é objeto de estudo, debates, análises, fichamentos, elaboração de cartazes, etc.

Feito este primeiro estudo, passa-se à segunda fase: professores e alunos, com um roteiro de observação, deslocam-se para o local de estudo, procurando comprovar, verificar, ampliar e eventualmente corrigir os aspectos considerados anteriormente. Tudo é registrado.

Essa visita é planejada e organizada em pequenos grupos com a participação de vários professores. Ao final é feito um relatório da visita e das observações colhidas, comparando o estudo anterior com a realidade observada.

Em todas essas atividades não predomina a divisão por disciplinas, mas a integração das mesmas através daquilo que podem oferecer para o estudo do meio, grande elemento aglutinador.

2. Tema Comum

Nesta segunda forma de integração, as várias disciplinas trabalham por determinado tempo com uma temática comum, embora sob sua ótica específica.

O tema "Pantanal", por exemplo, pode ser estudado pelas disciplinas Ciências, Geografia, História, Língua Portuguesa, Educação Artística, entre outras. Em cada uma dessas disciplinas, professor e alunos levantariam subsídios a partir de sua especificidade sobre o tema em questão.

Posteriormente, os alunos integrariam esses conhecimentos através de um seminário, de um relatório ou de outro tipo de apresentação.

Por vezes, pode-se pedir a elaboração de um único trabalho integrando essas diversas informações, que será posteriormente corrigido e avaliado pelos professores das várias disciplinas. Tal tra-

Estudo do meio como forma de integrar disciplinas.

Como um tema comum ajuda a integrar diferentes disciplinas.

balho pode substituir a avaliação exigida dos alunos em um determinado período letivo.

É muito freqüente neste tipo de trabalho a utilização da linha da História para se contextualizar e estudar um determinado tema. Nesse caso, a disciplina História pode coordenar a atividade. Por exemplo, o estudo da cultura romana ou do desenvolvimento da ciência.

O estudo de temas comuns pode apresentar algumas dificuldades: nem todas as disciplinas se prestam à participação do aluno na abordagem daquele determinado assunto seja pelo tempo destinado a ele (algumas disciplinas apresentam muito material para trabalhar e exigem um tempo maior; outras, pouco tempo), seja pelas dificuldades de compatibilização com diferentes programas curriculares.

3. Integração por Objetivos

A partir da integração por temas comuns é possível um salto qualitativo: a integração por objetivos. Praticamente é o que vimos defendendo até aqui. Vejamos como.

A escola deveria criar condições para o desenvolvimento integral do aluno.

Afirmamos que a escola pode criar condições para um desenvolvimento integral do ser humano. Este desenvolvimento se faz com diferentes recursos (cognitivos, afetivo-emocionais, sociais e profissionais), através das disciplinas e atividades integradas e da interação de alunos, professores, direção e pais. Só um trabalho integrado tem condições de viabilizar a escola que defendemos e o processo educativo que propomos.

Este é necessariamente um trabalho interdisciplinar. Estabelecemos juntos (professores, direção e pais) os objetivos educacionais de nossa escola. Dizemos como pretendemos que nossos alunos cresçam, se desenvolvam e se formem.

Estes objetivos são distribuídos em diversos níveis de complexidade e abrangência para cada um dos graus e para cada série. As disciplinas são compreendidas como recursos que, juntamente com as atividades, experiências e vivências dos alunos, colaborarão para que os objetivos sejam atingidos.

Todas as disciplinas têm o mesmo grau de importância e uma especificidade que lhes é própria.

Nenhuma disciplina é mais ou menos nobre; nenhuma é de segunda ou última classe. Todas são importantes e todas têm uma contribuição específica a dar.

Cada disciplina vai explicitar e colocar essa sua especificidade a serviço e em função da consecução dos objetivos definidos. Quer dizer, o desenvolvimento dessas disciplinas está subordinado à definição clara dos objetivos.

Com certeza, a contribuição específica de cada disciplina, as atividades e experiências programadas, as relações professor-aluno e aluno-aluno integradas por objetivos educacionais constituirão o trabalho interdisciplinar, que favorecerá o desenvolvimento integral de todos os integrantes do processo educacional. Com objetivos bem definidos é possível, então, implementar a interdisciplinaridade.

Esses dados informativos permitem agora dar continuidade à elaboração e redação de seu plano simulado. Vamos lá, então?

1. Baseando-se nos dados que você apontou em seu plano simulado, redija os objetivos gerais e específicos, de conhecimentos, habilidades e atitudes para os alunos do curso que você vai dar.
2. A seguir, discuta com seus colegas os objetivos redigidos, para que esses possam ser avaliados quanto à clareza com que estão descritos e quanto aos demais itens indicados neste tópico.
3. A partir dessa discussão, cada um poderá refazer ou reescrever individualmente a identificação e os objetivos de seu plano.

Trata-se de um conjunto de temas ou assuntos que são estudados durante o curso em cada disciplina. Tais assuntos são selecionados e organizados a partir da definição dos objetivos. Assim, os diferentes temas são um meio para que o aluno atinja os objetivos.

Uma observação importante: é freqüente o plano de curso ou da disciplina reduzir-se a uma lista de itens ou temas. Muitas vezes também ocorre a definição dos objetivos a partir dos conteúdos apresentados. Alguns critérios podem nos ajudar na seleção dos conteúdos, que devem trazer assuntos:

- ✓ atuais e atualizados;
- ✓ que se relacionem diretamente com a vida e a realidade do aluno fora da escola;
- ✓ que despertem o interesse do aluno e que sejam adequados à sua faixa etária;
- ✓ que permitam integrar conhecimentos de várias áreas, disciplinas ou ciências, levando à superação da fragmentação e compartimentalização do saber;
- ✓ que despertem curiosidade e repercutam nos novos desafios;
- ✓ que apontem para o futuro e que permitam diferentes ângulos de análise ou comportem diferentes interpretações.

Conteúdo

Conteúdo é o conjunto dos temas ou assuntos estudados durante o curso.

Critérios de seleção dos temas.

Os conteúdos temáticos podem ser organizados em unidades.

Os conteúdos de um plano de ensino podem ser organizados em **unidades** que aproximem temas afins, com duração em torno de 2 a 4 semanas. Esta organização facilita posteriormente o detalhamento do plano quanto às estratégias e ao sistema de avaliação a ser utilizado.

Seria o caso de nos perguntarmos o porquê da preocupação em selecionar e organizar os conteúdos temáticos para nossos cursos se, de um lado, a própria Secretaria da Educação já define tais itens e, de outro, temos livros didáticos que vêm prontos.

Infelizmente a realidade é esta: para grande parte de nossas escolas o plano de curso se identifica totalmente com um livro didático, de tal forma que em aula se estudam apenas conteúdos do livro.

Livro didático: um texto-base, não o único.

Em nosso entender, o livro-texto pode ser utilizado como um dos recursos para a aprendizagem. Pode até se apresentar como um texto-base comum a todos os alunos, mas não deve constituir a única fonte de informações ou ser colocado como um compêndio para todos os conteúdos temáticos.

Textos não são só os livros didáticos! Artigos de revistas ou jornais, letras de música ou poemas, textos de teatro, histórias em quadrinhos, filmes ou imagens também podem constituir temas para um curso.

Conhecendo sua turma e levando em consideração o programa mínimo estabelecido, o professor vai definir claramente os objetivos a serem alcançados em seu curso e selecionar os temas mais apropriados à sua realidade.

Agora é possível definir o conteúdo da disciplina ou curso que você selecionou.

Com base na identificação de seu plano de curso simulado e dos objetivos especificados anteriormente, que assuntos ou temas poderiam ser estudados? Que textos você escolheria para seus alunos?

Depois de organizar sistematicamente esses assuntos, a partir dos objetivos a que você se propõe, compare sua lista de itens com os temas ou assuntos costumeiramente indicados em livros didáticos para a série ou disciplina que você planejou. Discuta o resultado dessa comparação com seus colegas e professor.

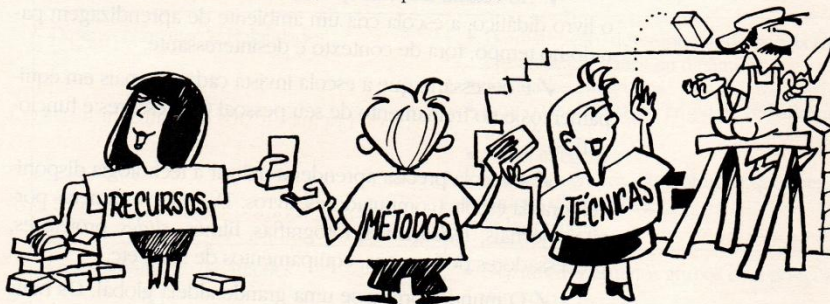
Chamamos de estratégias os meios de que o professor se utiliza para facilitar a aprendizagem, ou seja, para que os objetivos daquela aula, daquele conjunto de aulas ou de todo o curso sejam alcançados pelos seus participantes.

Esses meios incluem as técnicas de ensino, a dinâmica de grupo e outros diferentes recursos (audiovisuais, físicos, humanos, da informática e da telemática, etc.). Por vezes, tais recursos são chamados de métodos didáticos, técnicas pedagógicas ou metodologias de sala de aula.

Para nós, as estratégias incluem toda a organização de sala de aula que facilite a aprendizagem do aluno: disposição dos móveis e carteiras, organização e exploração do espaço da sala, exploração do deslocamento físico de professores e alunos, material a ser utilizado desde um simples giz ou lousa até os multimeios mais complexos e avançados (visuais, auditivos, sonoros, etc.), excursões a locais fora da escola, e assim por diante.

Estratégias

Estratégias são os meios utilizados para facilitar a aprendizagem.



As estratégias, ainda, se revestem de uma característica instrumental:

- ✓ Estão voltadas para a consecução de objetivos definidos.
- ✓ Estão voltadas para a eficiência do processo de ensino-aprendizagem.
- ✓ Não existem técnicas boas ou ruins. Temos estratégias adequadas (ou inadequadas) aos objetivos que pretendemos alcançar.

Um professor que sabe escolher adequadamente e que varia as estratégias utilizadas favorece uma série de situações educativas:

- ✓ dinamismo nas aulas;
- ✓ participação dos alunos;
- ✓ integração e coesão grupal;
- ✓ motivação e interesse dos educandos;
- ✓ atendimento às diferenças individuais (nem todos aprendem com as mesmas técnicas);

As estratégias têm um caráter instrumental.

Selecionar as estratégias mais adequadas para determinado objetivo é um dos segredos do sucesso da aprendizagem.

As estratégias são recursos importantes para a aprendizagem.

Existe toda uma tecnologia de ponta que a escola pode utilizar dentro e fora de seu espaço físico.

✓ ampliação das experiências de aprendizagem (trabalho individual e de grupo, expressão oral e escrita, leitura e comentários, elaboração de sínteses e de relatórios analíticos, apresentação de prós e contras sobre um determinado assunto ou tema, e assim por diante);

✓ criatividade do professor e do aluno;

✓ atualização constante tanto dos professores quanto dos alunos, em relação a essas técnicas e estratégias de ensino;

✓ flexibilidade do programa, adaptando-o às situações novas e às diferentes configurações grupais.

Numa sociedade em que os recursos ligados à informática, às telecomunicações e às demais expressões da tecnologia industrial vão se tornando cada vez mais acessíveis à população, é importante fazer algumas considerações:

✓ Ao centrar a construção do conhecimento somente sobre o livro didático, a escola cria um ambiente de aprendizagem parado no tempo, fora de contexto e desinteressante.

✓ É necessário que a escola invista cada vez mais em equipamentos e no treinamento de seu pessoal (professores e funcionários).

✓ A escola precisa aprender a utilizar a tecnologia disponível fora da escola (computadores, livros, TV, vídeos, câmeras portáteis, jornais, *videogames*, fotografias, filmes, *slides*, projetores, processadores de imagens, equipamentos de som, etc.).

✓ O mundo tornou-se uma grande aldeia global. Os bens culturais, as diferentes expressões artísticas e os conhecimentos científicos, antes restritos a uma minoria privilegiada, podem agora ser compartilhados mais democraticamente.

✓ Corrige-se, assim, o hiato existente entre a escola e a família, entre a escola e a sociedade mais ampla, entre o dia-a-dia do aluno e o saber sistematizado pela escola e demais instituições sociais.

Com essas considerações, podemos agora dar continuidade à elaboração do plano de curso ou disciplina simulado, que já contém identificação, objetivos e conteúdos (organizados e divididos por unidades).

A título de exemplo, segue um quadro esquemático relacionando algumas estratégias. Observe que algumas delas servem a mais de um objetivo.

Pode ser que você não conheça algumas destas estratégias. Pergunte a seu professor ou, então, pesquise na bibliografia especializada, no final do livro.

Quadro de Estratégias

| Objetivos | Estratégias |
|---|---|
| Conhecimento do Grupo — Aquecimento de um Grupo — Desbloqueio — Manifestação de Expectativas | <ul style="list-style-type: none"> • Apresentação simples. • Apresentação cruzada em duplas. • Complementação de frases. • Desenhos em grupo. • Deslocamentos físicos pela sala ou fora dela. • "Tempestade cerebral". |
| Aquisição de Conhecimentos | <ul style="list-style-type: none"> • Leitura de textos. • Leitura com roteiro de questões. • Material de instrução programada. • Excursões. • Aulas expositivas com recursos audiovisuais. • Aulas expositivas dialogadas. • Visitas a museus, indústrias, etc. • Estudo de caso. |
| Desenvolvimento de Habilidades | <ul style="list-style-type: none"> • Dramatização, desempenho de papéis (representação estática ou dinâmica). • Atividades em grupos. • Grupo de observação/grupo de verbalização (G.O./G.V.). • Painel integrado. • Pequenos grupos para formular questões. • Grupos de oposição. • Aulas práticas. |
| Desenvolvimento de Atitudes | <ul style="list-style-type: none"> • Debate em pequenos grupos com posições diferentes. • Estudo de caso. • Relatórios com opiniões fundamentadas. • Estágios. • Excursões. • Dramatização. |
| Confronto com a Realidade | <ul style="list-style-type: none"> • Estágios. • Excursões. • Pesquisa de opinião. • Estudo de caso. • Estudo do meio. |
| Desenvolvimento da Capacidade de Trabalho em Equipe | <ul style="list-style-type: none"> • Pequenos grupos com uma só tarefa. • Pequenos grupos com tarefas diferentes. • Painel integrado. • Diálogos sucessivos. • G.O./G.V. |
| Iniciativa na Busca de Informações — Seleção, Organização e Comparação de Informações | <ul style="list-style-type: none"> • Projeto de pesquisa. • Estudo do meio. • Estudo de caso. |

Partindo de sua experiência como aluno, da consulta a seu professor de Didática e ouvindo outros professores do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, procure fazer uma lista de diferentes estratégias de ensino que você conhece ou de que ouviu falar, escrevendo ao lado de cada uma delas quando são usadas (circunstâncias, tipos de aula ou atividade) e para a consecução de qual objetivo educacional elas podem concorrer.

Depois, em grupo, complete essa lista de estratégias relacionando-as a objetivos.

Continuando seu plano simulado, selecione as estratégias a serem usadas nas várias unidades do curso, conforme os objetivos definidos por você e buscando variá-las.

Avaliação

Comumente a avaliação é entendida como o resultado de testes, provas, trabalhos ou pesquisas que são dadas ao aluno e aos quais se atribui uma nota ou conceito. Este aprova ou reprova. Temos, então, um julgamento.

Na verdade, a avaliação acompanha todo o processo de aprendizagem e não só um momento privilegiado (o da prova ou teste), pois é um instrumento de *feedback* contínuo para o educando e para todos os participantes. Nesse sentido, fala da consecução ou não dos objetivos da aprendizagem.

A avaliação como instrumento de feedback.

O *feedback* se dá quanto à aquisição de informações, ao desenvolvimento de habilidades e de atitudes de acordo com os objetivos da escola como um todo e de seus diferentes segmentos.

O processo de avaliação se coloca como elemento integrador e motivador e não como uma situação freqüentemente carregada de ansiedade, pressão ou terror.

Em termos de sala de aula, a avaliação abrange o desempenho do aluno, do professor e a adequação do programa.

É um processo contínuo, visando à correção das possíveis distorções e ao encaminhamento para a consecução dos objetivos previstos. Trata-se da continuidade de informações aos alunos e não da continuidade de provas. Assim, é um processo que leva à aprovação porque leva à aprendizagem.

A avaliação levando à aprendizagem só pode resultar em aprovação.

A avaliação acontece em todas as atividades com as informações do aluno, de seus colegas, do professor e da comunidade circundante (família, empresas, outras instituições sociais, meios de comunicação, artes em geral, sistema cultural, etc.). É um sistema com auto e hetero-avaliação.

Aconselha-se que a avaliação do professor e do programa como um todo sejam realizadas no final de cada unidade do plano de curso e no final do semestre.

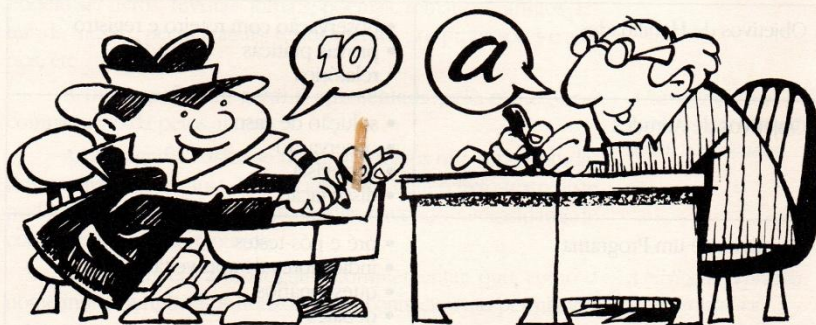
Há necessidade de registro das informações relativas ao desempenho do aluno, permitindo, assim, um diálogo mais objetivo com seus colegas e com o professor.

A prova é uma técnica avaliativa e, como tal, não pode ser identificada com todo o processo de avaliação.

Aconselha-se o uso de várias técnicas avaliativas de acordo com os objetivos e situações (ambientais, individuais e coletivas) de aprendizagem. Nem todas as técnicas servem para todos os objetivos e ambientes.

Nota ou conceito é um símbolo de conclusão de uma etapa do processo de aprendizagem. Só tem valor se conseguir representar em código a aprendizagem realizada. Da mesma forma, a prova ou teste é uma dentre outras possibilidades de realimentação do plano de curso.

Notas ou conceitos como códigos da aprendizagem realizada.



Técnicas avaliativas são instrumentos de *feedback* para aluno e professor sobre o desempenho com relação à aprendizagem.

Apresentam as seguintes características:

- ✓ Permitir ao aluno e ao professor obter informações necessárias.
- ✓ Motivar para correção ou progresso sugerindo novos dados.
- ✓ Permitir um diálogo com o professor e com os colegas reencaminhando para a aprendizagem.
- ✓ Permitir o registro de informações obtidas.
- ✓ Variar de acordo com os objetivos e favorecendo a motivação dos alunos.

Principais características das técnicas avaliativas.

No quadro a seguir aparecem alguns exemplos de técnicas avaliativas. Você poderá completar este quadro trocando idéias com seu professor e colegas. Não conhecendo uma das técnicas assinaladas, recorra a seu professor.

| O que avaliar | Técnica Avaliativa |
|--------------------------------------|--|
| Objetivos Cognitivos | <ul style="list-style-type: none"> • prova discursiva ou dissertativa • prova de testes (simples ou de múltipla escolha) • entrevista (“chamada oral”) • prova com questões de lacunas • exercícios com questões “verdadeiras” ou “falsas” • prova com consulta • trabalhos e pesquisas • solução de casos |
| Objetivos de Habilidades | <ul style="list-style-type: none"> • observação com roteiro e registro • provas práticas • relatórios |
| Objetivos de Atitudes | <ul style="list-style-type: none"> • solução de caso • observação • entrevista • dissertação |
| Objetivos de um Programa | <ul style="list-style-type: none"> • pré e pós-testes • indicadores de aproveitamento • questionários • debates |
| Objetivos de um Curso ou Instituição | <ul style="list-style-type: none"> • debates • observação • questionários • entrevistas |
| Desempenho do Professor | <ul style="list-style-type: none"> • debate com os alunos • questionários • indicadores de aproveitamento • observação por escrito |

Discuta o tópico relativo à avaliação com seu professor e colegas. De posse dessas informações, continue a redação de seu plano de curso ou disciplina simulados indicando os princípios que vão orientar o processo de avaliação e as técnicas que serão usadas em cada unidade.

Entende-se por cronograma a distribuição do curso e suas atividades pelo espaço de um semestre ou de um ano.

Define o limite "tempo" para as atividades. Dá a indicação realista do que fazer com a carga horária semanal, semestral e anual de que se dispõe.

Permite ao professor e ao aluno controlar o desenvolvimento do curso evitando atrasos, adaptando e flexibilizando os objetivos.

Planejar o cronograma por unidades favorece a integração da disciplina com ela mesma e com as demais disciplinas da série, evitando temas justapostos.

Elabore o cronograma de seu plano de curso simulado, definindo tempo para cada unidade e para o curso como um todo.

Cronograma

São os textos a partir dos quais os estudos serão realizados. Podem ser livros, revistas, jornais, poemas, romances, artigos, letras de música, peças teatrais, textos escritos por professores e alunos, etc.

A bibliografia em geral é apresentada pelo professor e complementada pelos alunos.

A bibliografia básica se refere aos textos que serão estudados e utilizados em aula. Não se identifica com o livro-texto. Este poderá ser um dos textos trabalhados havendo necessidade de complementação com outros.

Existe também a bibliografia complementar, que, como o nome indica, ampliará os horizontes do conhecimento permitindo um certo aprofundamento naquele tema ou tópico específico.

A bibliografia precisa ser atualizada anualmente. Sua inserção no final do plano de curso ou no final de cada unidade traz consigo a oportunidade de um incentivo para que o aluno leia, se interesse por descobrir outras fontes de conhecimento. Em última análise, saia um pouco da condição passiva e procure novas informações.

Bibliografia

A bibliografia é o conjunto dos textos a serem trabalhados.

A bibliografia precisa ser atualizada e selecionada de forma a instigar o aluno a buscar novos conhecimentos.

Com a ajuda de seu professor de Didática ou de outros profissionais, pesquise a referência bibliográfica dos textos (livros, artigos, revistas, poemas, textos musicais, filmes, etc.) que poderão orientar seu plano de curso. Se puder, faça as indicações bibliográficas por unidade e também uma mais geral para o plano de curso como um todo.

Agora, ao final deste capítulo, você tem em mãos um plano de curso ou de disciplina pronto para ser adaptado a uma turma e, em seguida, executado conforme sugerido por este estudo.